

B"H
PARASHAT BAMIDBAR

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição

Por que a *Torá* especifica as datas e locais nos quais *Hashem* falou com Moshê

O livro de *Bamidbar* inicia-se com: "E *Hashem* falou com Moshê no deserto do Sinai, no *Mishcan* (Tabernáculo), no primeiro dia do segundo mês (*Iyar*), no segundo ano após terem saído da terra do Egito." *Hashem* falou com Moshê centenas de vezes, e geralmente a *Torá* não especifica a data. Por que, então, a *Torá* o faz aqui?

Um famoso milionário, conhecido por possuir diversos arranha-céus, grandes cotas de ações em firmas de grande porte, além de fazendas e ranchos, não conseguia encontrar satisfação em sua vida pessoal. Ele acabara de divorciar-se da segunda esposa, filha de um rico magnata do petróleo, que amargurara sua vida com incessantes reclamações. Divorciara-se da primeira esposa anos antes, pois ela lhe fora infiel. Raramente falava destes casamentos, e quando indagado por repórteres curiosos, recusava-se a divulgar detalhes. Guardava em segredo as datas de seu casamento e divórcio, e ao lhe pedirem para mostrar os contratos de casamento, negava possuir tais documentos.

Anos depois, os amigos sugeriram-lhe um partido que, apesar de não usual para um homem em sua posição, sem sombra de dúvidas provaria ser bem sucedido. A moça em questão era pobre, mas de nobre estirpe e caráter refinado.

Após investigar e comprovar que tudo o que fora dito a respeito da jovem era verdade, exclamou: "Destas vezes encontrei minha verdadeira esposa e alma gêmea! Anunciarei publicamente a data do casamento, e certamente lhe darei um contrato nupcial!"

Depois de criar a humanidade, *Hashem*, por assim dizer, desapontou-Se com uma geração após a outra. A geração do Dilúvio rebelou-se contra Ele, assim como a geração da Torre de *Bavel*. Por isso, a *Torá* atenua a ascensão e queda destas e de gerações que lhes sucederam, sem revelar as datas exatas de seu surgimento no decurso da história, ou de seu desaparecimento. Da mesma forma, a *Torá* não registra quando tiveram lugar as destruições da geração da Torre de *Bavel* ou de *Sedom*, tampouco quando ocorreram as Dez Pragas e o afogamento dos egípcios.

Em relação aos judeus, contudo, *Hashem* exclamou: "São diferentes das gerações anteriores; são filhos de Avraham, Yitschac e Yaacov! Sei que serão fiéis a Mim!"

Portanto, disse a Moshê: "Registre na *Torá* o dia, mês, ano e localidade exatos de quando os elevei à grandeza."

A *Torá* (*Bamidbar* 1:1) especifica a data e locais precisos de quando *Hashem* dirigiu-Se a Moshê, da mesma forma que esses detalhes estão registrados numa *ketubá* (contrato matrimonial). Este versículo demonstra que o povo judeu foi escolhido por *Hashem* dentre todas as *Bemidbar* nações.

Por que *Hashem* revelou a *Torá* no deserto

O livro de *Bamidbar* e por conseguinte esta *parashá* iniciam-se com as palavras: "Sinai – no deserto do Sinai." Isto vem nos indicar que D'us escolheu propositadamente um deserto para outorgar-nos a *Torá*.

Há diversas razões pelas quais *Hashem* preferiu o deserto à terra habitada. Dentre essas:

- Se a *Torá* tivesse sido dada em *Érets Yisrael*, seus habitantes teriam reivindicado uma relação especial com a *Torá*. D'us falou com os judeus num local onde todos podem ter livre acesso, a fim de ensinar que cada judeu tem uma porção e obrigação com a *Torá* igual a de todos os seus semelhantes.

- Revelando a *Torá* no deserto, D'us nos ensina que a fim de tornar-se grande no estudo de *Torá*, a pessoa deve fazer-se semelhante ao deserto – ou seja, *hefker*, sem dono ou proprietário.

Estas palavras implicam:

1. Como o deserto é de livre acesso e trânsito para todos, assim deve um judeu ser humilde. Humildade é a percepção da pequenez da pessoa. É uma virtude necessária para obter sucesso no estudo de *Torá*, e para uma vida feliz neste mundo.

Vantagens da humildade em relação à *Torá*:

- Para progredir em *Torá*, deve-se procurar a companhia dos estudiosos, que são mais sábios que a pessoa, e aprender deles. Uma pessoa arrogante não aceita conselho e orientação de outros.

- Alguém que está convencido de sua própria superioridade não se empenhará em cumprir as *mitsvot* que não considera importantes, nem investir muitos esforços em preencher os detalhes requeridos por outras.
- *Hashem* gosta das pessoas humildes, pois constantemente revisam seus atos, a fim de corrigir os erros. Uma pessoa arguta, no entanto, não é aberta a críticas, nem tem senso de autocrítica. Por isso, está longe de fazer *teshuvá*.

Benefícios gerais da humildade:

- Uma pessoa humilde aproveita a vida, a despeito das circunstâncias materiais; enquanto uma pessoa arrogante não está satisfeita com seu quinhão. O presunçoso está convencido de que *Hashem* e seus semelhantes lhe devem por seus talentos, contribuições ou méritos. Ele não é suficientemente recompensado com reconhecimento ou dinheiro; sofre de descontentamento e frustração.
- Se o infortúnio atinge uma pessoa arrogante, ela se ressentida demais. Uma pessoa humilde, por outro lado, consegue superar os problemas, inconveniências e situações desagradáveis da vida.
- Uma pessoa humilde faz amigos; uma pessoa que se sente o centro do universo, não. Ela não pode perdoar aqueles que a insultam, ou não a tratam com deferência; considerando, por conseguinte, muito difícil se dar bem com outras.

A *Torá* enfatiza que a humildade é diametralmente oposta à moderna doutrina da independência total em relação a D'us e outros seres humanos. O conceito atual é de que a criança nasce com "exigências" em vez de "obrigações". Por conseguinte, não deve nada a *Hashem*, seus pais e professores.

Esta atitude infiltrou-se em nossos círculos familiares e escolas. Portanto, é necessário reforçar o ponto de vista da *Torá* de que não se consegue a felicidade verdadeira vivendo para satisfazer o próprio ego, mas sim, reconhecendo humildemente nosso imenso débito a *Hashem*.

2. "Parecendo-se com o deserto" também implica que um judeu deve estar pronto a sacrificar conforto material em prol da *Torá*. O conceito de "deserto" sugere o oposto à civilização, com seus luxos e confortos materiais. Um judeu só pode esperar progredir no estudo de *Torá* e cumprimento das *mitsvot* se estiver preparado para fazer algum sacrifícios em assuntos mundanos.

Na maioria das vezes, é impossível atingir a perfeição em todas as áreas. Por exemplo, é difícil um homem ser tremendamente bem sucedido nos negócios, e, ao mesmo tempo, altamente criativo nos estudos diários de *Torá*; uma mulher pode não conseguir manter a casa imaculadamente limpa, enquanto pequenas mãos e pés estão por toda parte; uma família pode ser obrigada a escolher entre o tipo de férias que quer ou uma cara educação em *yeshivot* para seus filhos, e assim por diante. O indivíduo se tornará um verdadeiro judeu de *Torá* somente determinando claramente suas prioridades na vida.

3. Outra característica do deserto é sua imensidão vazia. Um intelecto judeu deve parecer-se com o imenso vazio do deserto, livre de elementos estranhos, antes que os pensamentos de *Torá* possam lá deitar raízes.

Um rei conquistou um novo país e anexou-o ao seu reino. Desejava que seus habitantes se submetessem ao seu código de leis, e por isso anunciou que visitaria uma das cidades, a fim de ser reconhecido como novo regente.

Contudo, quando a carruagem real chegou, não foi recebida pela esperada multidão aclamando. O rei viajou através de ruas desertas, e não se via pessoa alguma.

Esta cidade era habitada por prósperos mercadores. Alguns temiam que o novo legislador aumentasse os impostos, outros estavam envolvidos em negócios escusos e temiam que o rei acabasse com as fraudes, ou ainda pior, que os punisse. Para eles, era mais prudente evadirem-se da autoridade do novo rei.

O rei percebeu que a população desta cidade não queria reconhecer sua autoridade. Assim sendo, proclamou que visitaria outro local no dia seguinte.

O bizarro espetáculo do primeiro dia repetiu-se, não havia ninguém à vista para saudá-lo.

O rei então percebeu que os prósperos cidadãos do recém-conquistado território não se submeteriam à sua autoridade de boa vontade. Ele deveria aliciar seguidores entre os menos afortunados.

Repetiu os proclamas nas cercanias de cidades que haviam sido devastadas, cujos habitantes perderam as posses e fortunas.

Quando os destituídos ouviram acerca da iminente chegada do rei, rejubilaram-se. Um regente significava esperança para o futuro. Investiria recursos para reconstruir seus lares e fazendas devastados; e os empregaria a seu serviço. Não tinham dinheiro que o rei pudesse confiscar, nem negócios que desaprovasse. Assim, no dia seguinte, uma multidão jubilosa deu boas vindas ao rei.

Hashem considerou as montanhas como possível local para dar a *Torá*, mas estas “saltaram como cordeiros” (*Tehilim* 114:4). Fugiram, pois sabiam que não eram merecedoras de participar de tal Revelação, uma vez que estátuas de ídolos foram colocadas em seu topo.

Finalmente, a *Shechiná* aproximou-se do deserto, e este não se retirou. Poderia receber o Todo Poderoso sem medo ou vergonha, pois estava totalmente vazio, imaculado de qualquer mancha de idolatria.

Desta forma, *Hashem* escolheu o deserto para a Outorga da *Torá*.

Assim também, o judeu pode adquirir a sabedoria da *Torá* somente se preparar seu intelecto para recebê-la. Deve eliminar quaisquer pensamentos, idéias ou desejos que são antítese da *Torá*; deve transformar sua mente em deserto. Então a *Shechiná* poderá entrar.

Hashem ordena a Moshê que faça a contagem de Benê Yisrael

O *Mishcan* (Santuário) foi consagrado por oito dias. O último dia da consagração foi o primeiro dia de *Nissan* do ano 2449.

Exatamente um mês mais tarde, *Hashem* ordenou a Moshê: “Conte os homens de *Benê Yisrael* entre vinte e sessenta anos de idade e anote o total de cada tribo.”

“Cada judeu que for contado deve provar a qual tribo pertence.”

“Uma vez que a tarefa de registrar centenas de milhares de pessoas é gigantesca, seu irmão Aharon o ajudará.”

Aharon não havia sido ordenado a participar do último censo, logo após o pecado do bezerro de ouro, para evitar que as pessoas comentassem: “Primeiro, ele faz um bezerro de ouro, e agora conta quantos sobreviveram à praga que se seguiu.”

Hashem continuou: “Os líderes das tribos também ajudarão na contagem.”

Como foi cumprida a ordem de Hashem

Moshê reuniu imediatamente os doze líderes das tribos. Disse a eles: “*Hashem* ordenou-lhes que me ajudassem na contagem dos judeus. Vamos convocar uma assembléia e comunicar ao povo a ordem de *Hashem*!”

Todos os judeus se reuniram. Moshê lhes disse: “Todos os homens acima de vinte anos devem se perfilar em frente a mim, Aharon, e os líderes das tribos. Cada homem deverá trazer consigo uma moeda de meio-*shêkel* e os documentos para provar a qual tribo seu pai pertence.”

“A contagem começará com a tribo de Reuven.”

Por que Moshê ordenou que cada judeu doasse uma moeda? É proibido contar diretamente pessoas; ao invés disso, contariam as moedas.

Naquele mesmo dia o censo começou.

Isto demonstra a grande ansiedade e felicidade com as quais os líderes cumprem uma *mitsvá*. Geralmente, quando um censo está para se realizar, os oficiais envolvidos encontram-se primeiro para discutir e organizar a empreitada. Certamente seria justificado que tomassem tempo para planejar uma tarefa tão elaborada. Moshê, Aharon e os líderes, em seu zelo por obedecer a *Hashem*, dispensaram os preparativos e, com combinada eficiência, começaram o censo naquele mesmo dia.

O primeiro a ser contado entregou sua moeda e disse, por exemplo: “Meu nome é *Shemayá ben Yoel*.”

“Prove que seu pai é da tribo de Reuven,” disseram-lhe. *Shemayá* mostrou-lhes uma cópia de sua árvore genealógica. Trouxe também duas testemunhas para provar que era filho de *Yoel* da tribo de Reuven.

Todavia, foram precisos vários dias para completar o censo de uma população tão numerosa.

O nome e ascendência de cada judeu entre vinte e sessenta anos foram registrados. A população de cada tribo foi computada, e o número total de *Benê Yisrael* determinado: 603.550 homens entre vinte e sessenta anos.

A santidade da nação judaica

Quando *Hashem* deu a *Torá* ao povo judeu, as outras nações do mundo ficaram invejosas. “Por que eles merecem receber a *Torá* mais do que nós?” reclamaram.

Hashem respondeu: “Os judeus têm um grande mérito. Suas mulheres desposam apenas homens judeus, mesmo durante o tempo em que viveram entre os egípcios. Cada marido judeu permanecia fiel à sua mulher, e cada mulher ao seu marido.”

Para mostrar a todas as nações a grandeza do povo judeu, *Hashem*, em voz alta e ressonante, ordenou a Moshê: “Conte os judeus e estabeleça a tribo de cada um!” Todas as nações do mundo ouviram a ordem. Entenderam, então, a grandeza de *Benê Yisrael*.

Benê Yisrael são contados pela quarta vez

Esta era a quarta vez que os judeus eram contados.

1. Inicialmente, a *Torá* registra que os membros da família de Yaacov que desceram ao Egito eram setenta.

2. A *Torá* declara que seiscentos mil homens deixaram o Egito.

Essas cifras indicam que o povo judeu multiplicou-se de maneira milagrosa no Egito. Devido à Providência de *Hashem*, o pequeno clã de Yaacov, a despeito de planos inimigos para exterminá-lo, tornou-se miraculosamente uma nação que compreendia milhões de almas.

3. Após o pecado do bezerro de ouro, a onze de *Tishrei* de 2448, *Benê Yisrael* foram contados pela terceira vez.

O censo foi tomado como um sinal do amor de *Hashem* e Sua preocupação com os judeus – mesmo após o pecado.

4. Agora, a primeiro de *Iyar*, 2449, quase sete meses após o último censo, o povo foi contado novamente. Não houve mudanças desde a última contagem. Por que *Hashem* ordenou este censo? A próxima seção oferecerá uma explicação.

Os objetivos desta contagem

Hashem ordenou este censo por diversas razões.

Eis aqui algumas:

1. O objetivo principal desta contagem era apurar a ancestralidade de cada indivíduo, determinando assim sua tribo. Mais adiante, nesta *Parashá*, *Benê Yisrael* serão ordenados a formar grupos de acordo com sua tribo. Estes grupos acampariam e viajariam numa determinada ordem sob estandartes (*degalim*). Portanto, era necessário determinar a qual tribo cada judeu pertencia.

2. *Benê Yisrael* logo adentraria a Terra Santa. *Hashem* ordenou esta contagem para descobrir quantos homens serviriam no exército judeu e poderiam ajudar na conquista do país.

3. Quando o *Mishcan* foi consagrado, a Presença de *Hashem* desceu do céu para repousar na terra. Um rei conta seu exército no dia em que é coroado para saber quantos soldados tem. Da mesma forma, *Hashem* pediu a Moshê para descobrir o número de judeus no qual Sua *Shechiná* (Presença Divina) poderia repousar.

Hashem diz: “Sempre que o total de *Benê Yisrael* é mencionado, fico contente, pois representa o número de soldados em Meu exército, que cumprem Minha vontade no mundo.”

À noite, o homem de negócios voltou exausto para casa. Havia sido um dia caótico e exaustivo – telefonemas, memorandos, pedidos, enviar mercadorias. Ele queria apenas ter um bom jantar e cair na cama. Não obstante, primeiro dedicou tempo para fazer algo em especial. Apesar de tomar tempo e exigir concentração, proporcionava-lhe muito prazer. Tirou de sua maleta os cheques e boletos bancários que juntou durante o dia, contando-os diversas vezes. Esquecendo-se de seu cansaço, encheu-se de satisfação e prazer.

A pessoa investe tempo e esforço para inspecionar e contar objetos que lhe são preciosos. Quanto mais valioso o item, mais cuidadosamente ele o verificará.

O Todo Poderoso conta *Benê Yisrael* freqüentemente, demonstrando que a Seus próprios olhos cada indivíduo judeu é essencial. Portanto, a *Torá* detalha extensamente os números do povo judeu. Apenas na *Parashá* de *Bamidbar* há quatro listagens diferentes do número de *Benê Yisrael*.

Outra razão pela qual *Hashem* queria que os judeus fossem contados

Imagine que você está entre os judeus que são contados no deserto. Ficaria perante Moshê, Aharon e os líderes das tribos. Qual a sensação? Não é uma experiência emocionante? Você está face a face com os líderes de *Torá* da nação judaica.

À aproximação de cada judeu, Moshê – o grande profeta de *Hashem* – e Aharon – o sagrado *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote) – escutavam o nome da pessoa, olhavam-na, e silenciosamente a abençoavam.

Desta maneira, cada judeu ganhava o mérito de ser abençoado pelos homens mais notáveis da nação. Cada pessoa sentia quão importante era aos olhos de *Hashem*.

Hashem deseja que percebamos como cada pessoa merece Sua consideração e apreço. O *Midrash* enfatiza este tópico com uma parábola:

Dois tipos de pérolas

Houve certa vez um mercador que negociava com todos os tipos de pérolas. Viajava todos os anos a uma feira de uma grande cidade. Alguns dias antes da feira, estava muito ocupado empacotando sua mercadoria. Usava caixas grandes e pequenas. Nas caixas grandes, colocou pilhas de pérolas. Encheu-as até o topo e lacrou-as, sem contar as pérolas. Porém, embrulhou cuidadosamente cada pérola que colocou nas caixas pequenas. Numa caderneta, tomou nota das formas e tamanhos de cada uma dessas pérolas.

Quando o mercador chegou à feira, desembulhou as caixas pequenas com muito cuidado, conferindo cada pérola. O conteúdo das caixas grandes, porém, apenas despejou sobre a mesa.

Qual era a diferença entre elas? A resposta é que as caixas grandes continham pérolas de imitação. Podiam parecer reais, mas eram na verdade feitas de vidro e valiam muito pouco. Não compensava contá-las. Mesmo se algumas dessas pérolas de vidro se perdessem ou fossem roubadas, pouco se incomodaria com isso. Mas as pérolas nas caixas pequenas eram genuínas. Cada uma delas valia milhares de dólares. O mercador contou-as uma e outra vez, para assegurar-se de que não tinha perdido ou extraviado nem uma sequer.

A explicação para a parábola

Superficialmente, *Benê Yisrael* e as nações do mundo podem ter a mesma aparência. Entretanto, a *Torá* nos relata que *Hashem* contava apenas *Benê Yisrael*, uma vez após a outra. Ele contava as pérolas "genuínas". A *Torá* nos ensina que, aos olhos de *Hashem*, cada judeu é uma "pérola" de valor inestimável.

Bamidbar é denominado Chumash Hapejudim – o Livro de Números

O Livro de *Bamidbar* também é chamado de *Chumash Hapejudim* – o Livro de Números. Contém um censo detalhado nesta *Parashá*, e outro na *Parashá* de Pinechas. O título, Livro de Números assinala novamente a importância que *Hashem* dá à contagem do povo judeu, pois esse ato é realmente uma expressão de Seu amor por eles.

Qual o resultado da contagem

Demorou um longo tempo até que Moshê, Aharon e os líderes das tribos recebessem e contassem as moedas. Quando todas foram contadas, Moshê obteve estes resultados:

Tribo	Número de homens
Reuven	46.500
Shim'on	59.300
Gad	45.650
Yehudá	74.600
Yissachar	54.400
Zevulun	57.400
Efráyim	40.500
Menashê	32.200
Binyamin	35.400
Dan	62.700
Asher	41.500
Naftali	53.400
total	<hr/> 603.550

Foram contados 603.550 homens acima de vinte anos no mês de *Iyar* de 2.449.

Na relação acima, há uma tribo faltando, a tribo de Levi. Foi contada separadamente, como explicaremos adiante.

A *Torá* prossegue, contando-nos como as tribos acamparam no deserto.

Os três acampamentos no deserto

Havia três campos separados no deserto:

1. *Machanê Shechiná* (O Campo da Divina Presença)

Este era o nome dado à área do *Mishcan*. Os outros dois circundavam este acampamento.

2. *Machanê Leviyá* (O campo dos Levitas)

Os levitas acampavam ao redor de todos os lados do *Mishcan*. A cada uma das famílias levitas era designado um local fixo. As famílias de Moshê e Aharon foram honradas. Acampavam à entrada do *Mishcan*. Eram como guardas postados à entrada do palácio do rei. Como *Hashem* havia ordenado: "Vocês devem guardar o *Mishcan*", os *cohanim* e os *leviyim* tinham de montar guarda em alguns locais à volta do *Mishcan*, mesmo durante a noite.

Naturalmente, *Hashem* não precisa de guardas para vigiar Seu local sagrado. Ele sozinho pode protegê-lo melhor que qualquer guarda humano jamais poderia. Mesmo assim, Ele ordenou que os *leviyim* vigiassem o *Mishcan*. Como um rei humano tem seu palácio rodeado de guardas, para prestar-lhe honras, *Hashem* deu aos judeus outra oportunidade de honrá-Lo e a Seu *Mishcan*.

3. *Machanê Yisrael* (O acampamento de *Benê Yisrael*)

Este acampamento rodeava o acampamento dos *Leviyim*. Como explicaremos na próxima seção, três tribos acampavam em cada um dos quatro lados.

Como foi organizado o acampamento de *Yisrael*

No mesmo dia em que *Hashem* ordenou a Moshê que contasse *Benê Yisrael*, disse-lhe também: "Quero que organize *Machanê Yisrael*. Divida as tribos em quatro grupos conforme minhas instruções. Cada grupo acampará num lado diferente do *Mishcan*, sob sua própria bandeira. Uma tribo de cada grupo será a líder."

Eis como *Hashem* disse a Moshê para dividir os quatro grupos:

1. O primeiro grupo foi denominado "*dêguel machanê Yehudá*". Acampou no lado leste. A tribo de Yehudá seria a tribo liderante.

Neste grupo também estariam Yissachar e Zevulun.

2. O segundo grupo foi denominado "*dêguel machanê Reuven*." Acampou no lado sul. A tribo Reuven seria a tribo líder daquele lado.

Neste grupo também estariam: Shim'on e Gad.

3. O terceiro grupo foi chamado de "*dêguel machanê Efráyim*." Acampou no lado oeste. A tribo Efráyim seria a tribo liderante.

Neste grupo também estariam: Menashê e Binyamin.

4. O quarto grupo foi nomeado "*dêguel machanê Dan*." Acampou do lado norte. A tribo Dan seria a tribo a liderar aquele lado.

Neste grupo também estariam: Asher e Naftali.

Quem organizou os quatro grupos nesta ordem especial

Quando Moshê ouviu de *Hashem* que cada tribo tinha um determinado território, dentro de certas fronteiras, pensou: "Agora tenho de discutir com os reclamantes de todas as tribos. Homens da tribo de Reuven me dirão: "Preferiríamos acampar ao norte [do *Mishcan*]", e homens da tribo de Dan reivindicarão o sul. Preciso estar preparado para uma série de discussões."

"Seus temores são infundados, Moshê," tranqüilizou-o *Hashem*. "Os judeus sabem onde devem acampar. Seus antepassados lhes transmitiram as últimas palavras de Yaacov, de que ocupariam as mesmas posições que os filhos de Yaacov ocuparam ao carregarem o caixão do pai."

Quando nosso Patriarca Yaacov estava para morrer, disse aos filhos: "Estas são minhas instruções exatas de como vocês devem carregar meu caixão. Nenhum estranho deve tocá-lo. Yehudá, Yissachar e Zevulun devem carregá-lo do lado leste. Reuven, Shim'on e Gad pelo lado sul; Efráyim, Menashê e Binyamin pelo oeste; e Dan, Asher e Naftali pelo lado norte. Yossef, entretanto, não deve carregá-lo. Ele é um rei, e não é honroso para um rei carregar um féretro."

“Levi também não deve carregá-lo. Seus descendentes um dia servirão no Mishcan e carregarão a arca de *Hashem*. Não seria apropriado para alguém cuja tribo carregará a arca do D'us Vivo, carregar o esquife de um ser humano.”

Hashem aprovou o arranjo de Yaacov. Não o alterou. Mas agora, nenhuma tribo poderia protestar pela posição recebida; todas as tribos sabiam que tinha sido organizada desta maneira por Yaacov.

Como cada tribo podia saber os limites de seu acampamento?

Uma maravilhosa rocha que vertia água acompanhou *Benê Yisrael* no deserto. Era conhecida como “Poço de Miriam”, porque fazia brotar água pelo mérito da justa Miriam, irmã de Moshê.

Sempre que *Benê Yisrael* se preparava para acampar, os doze líderes das tribos ficavam de pé e cantavam um louvor a *Hashem*. Isso fazia com que a água da rocha jorrasse, formando regatos. Um riacho cercava o “Acampamento da *Shechiná*”, assim todos poderiam saber os limites do acampamento. Outro regato marcava os limites do “Acampamento dos Levitas”, e um terceiro, o “Acampamento de Yisrael”. Riachos menores originavam-se destas correntes principais e assinalavam as fronteiras entre cada tribo e mesmo entre uma família e outra.

A água do Poço de Miriam fazia com que grama e árvores crescessem às margens do rio. As árvores davam frutos deliciosos, que tinham o sabor do *Olam Habá* (Mundo Vindouro).

As bandeiras dos quatro grupos

Hashem instruiu Moshê: Cada um dos grupos deve ter sua própria bandeira. O povo deve marchar sob este estandarte. Cada bandeira tinha três cores, representando as três tribos. Cada cor correspondia à cor da pedra preciosa daquela tribo no peitoral do Sumo Sacerdote.

1. A bandeira do grupo de Yehudá

Esta bandeira tinha três listras; uma azul, representando a tribo de Yehudá; preta, representando a tribo de Yissachar, e uma branca, representando a tribo de Zevulun.

Na bandeira estavam bordados os nomes Yehudá, Yissachar e Zevulun. Também possuía as seguintes palavras: “*Cuma Hashem Veyafutsu Oivechá Veyanussu Mesan'échá Mipanechá*”, que significam:

“Levanta, ó *Hashem*, para que Teus inimigos sejam dispersados e os que Te odeiam fujam de Ti.”

A bandeira de Yehudá era a primeira a marchar; portanto, fazia sentido ter uma oração pedindo a *Hashem* que protegesse *Benê Yisrael* de seus inimigos.

Esta bandeira tinha a pintura de um leão, porque a tribo líder, Yehudá, era comparada a este animal.

2. A bandeira do grupo de Reuven

Esta bandeira era também em três cores: vermelho para Reuven, verde para Shim'on e uma mistura de branco e preto para Gad. Trazia os nomes destas três tribos. No centro possuía o seguinte versículo bordado: "*Shemá Yisrael Hashem Elokênu Hashem Echad – Ouve, ó Israel, Hashem é nosso D'us, Hashem é Um.*"

Por que foi escolhido este versículo?

Antes que Yaacov morresse, perguntou a todos os filhos se acreditavam em *Hashem*. Eles responderam com o versículo "*Shemá Yisrael*". Reuven era o mais velho dos filhos e certamente o primeiro dentre eles a falar, então era apropriado que estas palavras se tornassem o lema da tribo de Reuven. Na bandeira havia um desenho de flores violetas chamadas *dudaim* (mandrágoras ou jasmim).

No livro de Bereshit, na *Parashá* de *Vayetsê*, a *Torá* nos relata como o pequeno Reuven trouxe estas flores para sua mãe. Tomou cuidado de colher somente aquilo que não pertencia a ninguém, para não incorrer no pecado do roubo. Assim como Reuven se afastou do furto, sua tribo agia da mesma maneira.

3. A bandeira do grupo de Efráyim

As cores deste estandarte eram: preto, tanto para Efráyim como para Menashê; para Binyamin, uma mistura das cores de todas as bandeiras. Os nomes Efráyim, Menashê e Binyamin estavam na bandeira. Tinha o seguinte versículo bordado: "A nuvem de *Hashem* pairava sobre *Benê Yisrael* quando eles viajavam durante o dia."

Como a nuvem da *Shechiná* pairava sempre a oeste, o grupo que acampava a oeste recebia um versículo relacionado à nuvem de *Hashem*.

Sobre esta bandeira havia uma pintura de um menino, porque *Hashem* chama a tribo de Efráyim de "*Yeled Shaashuim*", um menino amado por *Hashem*.

4. A bandeira do grupo de Dan

As três cores desta bandeira eram: roxo para Naftali, a cor da safira para Dan, e pérola para Asher. Os nomes Dan, Naftali e Asher estavam bordados na bandeira. Havia também este versículo bordado: "Quando a arca repousava, Moshê proclamava: 'Volta, *Hashem*, e repousa entre os milhares e milhares de Yisrael!'"

O desenho na bandeira era o de uma serpente, porque nosso Patriarca Yaacov comparou Dan a uma cobra.

O significado dos *Degalim* – Estandartes

Os *degalim*, estandartes, que principiavam e lideravam os vários acampamentos no deserto, possuíam profundo significado espiritual, e não devem ser confundidos com os atuais brasões familiares, ou estandartes nacionais.

De fato, as nações do mundo copiaram dos judeus a idéia de uma bandeira nacional; contudo, seus pavilhões não são mais que pobres imitações dos *degalim*, que foram projetados e expostos inteiramente por orientação Celestial.

Benê Yisrael viram profeticamente os *degalim* na Outorga da *Torá*. Perceberam a *Shechiná* descendo sobre o Monte Sinai acompanhada de 22.000 carruagens de anjos próximos à *Shechiná*, e vasto número de carruagens adicionais as rodeavam.

Os anjos estavam agrupados ao redor da *Shechiná* como se fossem quatro divisões portando quatro diferentes estandartes:

- À direita (sul), estava a divisão do anjo Michael.
- À esquerda (norte), estava a divisão do anjo Uriel.
- À frente (leste), estava a divisão do anjo Gavriel.
- À retaguarda (oeste), estava a divisão do anjo Rafael.

Os estandartes Celestiais de fogo foram percebidos pelos judeus em vários matizes de cores.

A inspiradora visão dos exércitos celestiais fez *Benê Yisrael* exclamar: "Se ao menos estivéssemos organizados sob *degalim*, com a *Shechiná* em nosso meio, exatamente como os anjos!"

Por que desejaram *degalim*?

Ansiavam experimentar a santidade especial de posicionarem-se como o exército Celeste, que se beneficiava de um nível mais elevado de ligação com o Todo Poderoso.

Hashem informou então a Moshê que Ele concederia a *Benê Yisrael* seu pedido pelos *degalim*.

Porém foi apenas trinta dias depois do *Mishcan* ter sido erguido (e a *Shechiná*, que partira após o pecado do bezerro de ouro, retornou permanentemente) que *Hashem* considerou os judeus merecedores de atingirem esse nível superior de santidade.

D'us ordenou a Moshê: "Os judeus devem acampar sob quatro estandartes líderes."

Como as quatro divisões levantavam acampamento e seguiam jornada

Quando as tribos levantavam acampamento e seguiam jornada, entravam em formação de acordo com as especificações de *Hashem*.

O Todo Poderoso instruiu Moshê: "Ao iniciar cada jornada, *deguel machanê* Yehudá deve avançar para frente, e viajar à testa. Deve ser seguida pelas famílias levitas de Guershon e Merari. A próxima divisão a marchar é a de Reuven seguida pela família levita de Kehat. Então deverá avançar a divisão de Efráyim, e finalmente a de Dan."

A ordem em que viajavam foi determinada de acordo com um profundo plano Divino.

Yehudá ia na frente. E o grupo de Dan marchava por último. Por quê? Quando Yaacov, nosso Patriarca, abençoou Yehudá, comparou-o a um leão. E quando Moshê deu-lhe sua última bênção, também comparou a tribo Dan a um leão. Por causa de sua grande força como "leões", estas duas tribos foram escolhidas para estarem à frente e por detrás de *Benê Yisrael* durante as viagens.

A tribo de Dan, que era uma tribo numerosa, além de rechaçar os inimigos que atacavam pela retaguarda, recuperava artigos perdidos por outras tribos.

A grandeza dos estandartes

Quando *Benê Yisrael* tomavam suas respectivas posições sob os *degalim*, a *Shechiná* descia das bandeiras celestiais para pairar sobre os judeus. Eram, desta forma, elevados a novos píncaros de santidade, como o exército de *Hashem* na Terra.

As nações gentias que viam *Benê Yisrael* descansarem sob os estandartes eram tomadas de temor e reverência. Conseguiram reconhecer a santidade de um povo que vivia como uma unidade organizada para servir ao Todo Poderoso. Sentindo que os judeus na Terra pareciam-se com anjos Celestiais, exclamavam admirados: "Que nação é esta que se parece com a aurora, bela como a lua, clara como o sol, e que inspira temor sob seu estandarte?!"

A memória dos estandartes jamais foi esquecida por nosso povo.

Por milhares de anos depois de haverem tido os estandartes, sempre que um judeu era desgostosa e perigosamente tentado a comprometer sua fé a fim de granjear fama e fortuna, replicaria às persuasões dos gentios: "O que podem oferecer que se possa comparar à grandeza que uma vez experimentamos? No deserto, estávamos sob os estandartes, como o Acampamento de *Hashem* na Terra. Suas promessas são míseras e insignificantes, comparadas às do Todo Poderoso."

Assim, a lembrança da glória dos estandartes auxiliou os judeus no exílio a permanecerem fiéis e leais à *Torá*.

Hashem ordena a Moshê para contar a tribo Levi

Até agora a tribo de Levi não fora contada com as outras tribos. Então, *Hashem* ordena a Moshê: "Conte a tribo Levi e confira a árvore genealógica de cada família deste grupo."

Por que a tribo Levi não foi contada junto aos outros grupos? Esta é uma das razões:

Hashem disse a Moshê: "Os levitas, Meus servos no *Mishcan*, são tão sagrados que seus filhos serão contados desde a idade de um mês."

Todas as outras tribos de *Benê Yisrael* eram contadas a partir da idade de vinte anos. Apenas os levitas eram contados ainda bebês. Por isso, *Hashem* ordenou que sua contagem fosse feita separadamente.

Hashem ajuda Moshê a contar os levitas

Hashem disse a Moshê: "Conte os bebês do sexo masculino dos levitas a partir da idade de um mês." Moshê replicou: "Como posso fazer isso? Devo entrar em cada tenda das famílias levitas e contar os bebês? Isso não seria uma coisa muito correta de se fazer."

"Não se preocupe," *Hashem* assegurou a Moshê. "Eu o ajudarei. Faça tua parte na mitsvá, e Eu farei a Minha. Fique simplesmente parado à soleira da tenda de um levita, e Eu te revelarei quantos de seus ocupantes devem ser incluídos no censo."

Moshê começou a contar. Bateu à entrada da primeira tenda levita. Porém, antes que pudesse entrar, ouviu uma voz Celestial que anunciava: "Há cinco meninos nesta tenda!" Moshê anotou e continuou até a próxima tenda. Ao chegar à sua entrada, a voz Celestial proclamou: "Há oito meninos nesta tenda!" Desta maneira, a voz dos Céus ajudou Moshê até que terminasse a contagem.

Por que os levitas eram contados a partir de um mês de idade?

Apesar de que, em nenhuma das outras tribos nenhum homem com idade inferior a vinte anos ter sido contado no censo, os levitas eram exceção. *Hashem* disse a Moshê que contasse os varões levitas a partir da idade de um mês (pois antes de um mês de idade a vida de um recém-nascido é incerta).

Por que os bebês dos levitas eram contados, apesar de serem jovens demais para realizarem qualquer tipo de *avodá*? (Um *levi* só pode servir a partir dos trinta anos.)

Sabendo que até mesmo seus filhos eram contados no censo, os pais tomariam cuidados especiais para educar os filhos em santidade. Tanto pais quanto filhos merecem ser recompensados por todos os anos de preparo para o Serviço de *Hashem*.

O resultado da contagem da tribo de Levi

Quando Moshê totalizou o número de levitas do sexo masculino acima de um mês, viu que havia 22.300 deles.

Como este total pode ser comparado aos totais das outras tribos? Consulte a tabela que mostra os números de cada tribo. Verá que a tribo dos levitas era a menor de todas. Isto mesmo tendo os levitas sido contados a partir da idade de um mês, ao passo que as outras tribos eram contadas a partir dos vinte anos!

Por que esta tribo era tão pequena?

As outras tribos foram forçadas a fazer trabalho escravo no Egito. Quando este trabalho começou, *Hashem* prometeu: "Quanto mais duro for o trabalho forçado de *Benê Yisrael*, mais eu os farei se multiplicar." Por isso as mães das tribos restantes tinham seis filhos de uma só vez. Mas, como os levitas não foram obrigados a trabalhar, suas mulheres tinham apenas um bebê a cada vez. Como resultado desse fato, a tribo dos levitas era menor.

Os levitas são designados como carregadores do *Mishcan*

O filho de Yaacov, Levi, tinha três filhos: Guershon, Kehat e Merari. Eram os chefes das três famílias levitas. *Hashem* disse a Moshê: "Enquanto *Benê Yisrael* viaja pelo deserto, cada uma das três famílias levitas carregará partes do *Mishcan*."

O quadro abaixo mostra quais objetos cada família levita carregava:

Família levita Objetos carregados

Guershon Carregavam os tecidos do *Mishcan*: as cortinas que formavam as paredes e o teto; a cortina rendada que cercava o pátio; a cortina da entrada (*massach*); e as cordas com as quais a tenda do *Mishcan* era amarrada.

Kehat Carregavam os objetos mais sagrados do *Mishcan*: a arca, a mesa, a *menorá*, os dois altares, todos os outros instrumentos usados com esses objetos, e o *parôchet*, a cortina da entrada do Santo dos Santos.

Merari Carregavam as partes de madeira do *Mishcan*: as tábuas; os postes e os pilares; os *adanim*, soquetes do *Mishcan* e do pátio; e as cordas usadas para atar as cortinas de rede do pátio.

Os primogênitos de *Benê Yisrael* são trocados pelos levitas

Hashem ordenou a Moshê: "Conte todos os primogênitos de *Benê Yisrael* com um mês de idade e mais velhos!"

Moshê contou-os. Havia 22.273 primogênitos.

Antes do pecado do bezerro de ouro, o primogênito de cada família era encarregado do Serviço do *Mishcan*. Ele era o único a oferecer sacrifícios em nome de sua família. Entretanto, quando os primogênitos participaram do pecado do bezerro de ouro, foram punidos. *Hashem* disse: "Eles são impróprios para realizar Meu Serviço no *Mishcan*. Ao invés deles, empregarei os levitas; eles não pecaram com o bezerro de ouro."

Hashem ordenou a Moshê: "Troque cada primogênito por um levita. O levita servirá no *Mishcan* ao invés dele."

Havia 22.273 primogênitos de *Benê Yisrael*, mas apenas 22.000 levitas. Havia mais 300 levitas, mas como eram primogênitos também, não podiam ser usados para a troca.

$$\begin{array}{r} 22.273 \text{ primogênitos} \\ - \underline{22.000 \text{ levitas (não primogênitos)}} \\ 273 \text{ primogênitos restantes} \end{array}$$

Como pode observar, havia 273 primogênitos a mais do que levitas. Como seriam liberados esses primogênitos de seu dever de fazer a *avodá*?

Hashem ordenou: "Faça com que cada um dos 273 primogênitos extra pague cinco moedas de *shêkel*. Com este pagamento, estarão liberados do Serviço do *Mishcan*. O dinheiro coletado deles será dado a Aharon e seus filhos."

O general romano Hugentino desafiou *Rabi Yochanan ben Zacai*: "Seu mestre Moshê ou era ladrão, ou não sabia aritmética."

“Por que diz isso?” indagou *Rabi Yochanan*.

O general esclareceu: “Moshê registrou na *Torá* que havia ao todo, 22.000 levitas. Contudo, se somar o número de todas as famílias levitas, chega-se à soma total de 22.300 levitas. Uma vez que os primogênitos israelitas totalizavam 22.273 membros, havia na verdade, um excesso de 27 levitas.

“Por que, então, Moshê disse a 273 primogênitos para se redimirem com moedas de cinco *shêkel*? Há duas possibilidades: ou Moshê errou nos cálculos, ou adulterou deliberadamente o total de levitas, para que seu irmão Aharon pudesse embolsar 273 vezes cinco *shecalim*.”

Rabi Yochanan respondeu: “Sua conjectura está errada; darei a verdadeira resposta. Moshê não incluiu os 300 levitas extras no total, porque estes 300 levitas também eram os primogênitos de suas famílias. Um primogênito não tem o poder de redimir outro. Conseqüentemente, havia de fato um excesso de 273 primogênitos israelitas, conforme a *Torá* os registra.”

O general aceitou imediatamente a explicação de *Rabi Yochanan*, e despediu-se dele.

Quais dos primogênitos tinham de pagar?

Moshê tinha um problema. Pensou: “Quando eu falar a um primogênito que é um dos 273 que devem pagar, pode ser que ele recuse: ‘Por que deverei pagar? Não sou um dos primogênitos extra – sou um dos 22.000 que são substituídos por um levita!’ ”

Moshê resolveu este problema com um sorteio. Preparou 22.000 pedaços de pergaminho nos quais escreveu “levita” e outros 273 pedaços, nos quais escreveu “5 moedas de *shêkel*.” Misturou-os. Qualquer primogênito que sorteasse “5 moedas de *shêkel*” era obrigado a pagar esta quantia.

Sem ainda a invenção da imprensa, copiadora ou computador, certamente era um trabalho preparar milhares e milhares de pedaços de pergaminho para o sorteio. Mesmo assim, Moshê decidiu proceder desta forma para evitar discussões entre *Benê Yisrael*.

Agora a *Torá* nos conta mais a respeito dos vários objetos carregados pelas três famílias levitas, começando pela família de Kehat.

A família de Kehat carregava os recipientes sagrados do *Mishcan*

Apenas os levitas entre as idades de trinta e cinquenta tinham permissão de carregar objetos pertencentes ao *Mishcan*. Isso ocorria porque nesta idade um homem tem força total.

Hashem ordenou a Moshê: “Você e Aharon devem contar os homens de Kehat entre trinta e cinquenta anos. Eles carregarão os objetos mais sagrados do *Mishcan* [a arca, a mesa, a *menorá* e os dois altares].

“Estes objetos não devem ser transportados em carroças. Os homens de Kehat devem carregá-los sobre os ombros. E não devem olhar ou tocar estes objetos enquanto estão sendo preparados para uma jornada. Antes de cada viagem, os *cohanim* devem envolver estes objetos sagrados em embalagens especiais. Apenas após estarem cobertos, a família de Kehat será chamada para vir e carregá-los.”

As leis especiais de preparação da Arca Sagrada para uma jornada, e como esta miraculosamente transportava a si mesma

Antes de cada jornada a arca era coberto com o *parôchet* (cortina divisória na frente do Santo dos Santos).

Uma vez que os *cohanim* temiam que pudessem ser tentados a olhar para a arca se subissem em escadas para remover o *parôchet*, engendraram um método original para retirá-la:

Através de longos bastões removiam o *parôchet* dos ganchos que o atavam às colunas, e então, cuidadosamente o baixavam até que cobrisse completamente a arca, sem expô-la à visão de ninguém. Então estendiam uma segunda cobertura azul sobre ela.

Nenhum outro utensílio era coberto com um tecido azul por fora, porém isto era feito com a arca a fim de chamar a atenção à sua santidade especial. O mais sagrado dos utensílios corresponde ao Trono Celestial de Glória (*Kissê Hacavod*). O tecido azul lembrava seu significado aos que o viam.

Como a arca era transportada

A cerimônia do transporte da arca também era especial:

- Os quatro carregadores da arca precisavam marchar de frente para ela. Por conseguinte, os dois carregadores da frente andavam de costas.
- Enquanto transportavam a arca, *Benê Kehat* cantavam louvores a *Hashem*, similar aos anjos que cantam a *Hashem* porque estão próximos a *Shechiná*.

Um milagre maravilhoso ocorria quando os carregadores da arca pegavam suas barras. Não apenas era aparentemente sem peso, mas seus próprios carregadores eram levantados e carregados junto. Este milagre foi abertamente revelado e demonstrado quando *Benê Yisrael*, sob a liderança de Yehoshua, chegaram ao Jordão a dez de *Nissan* de 2488.

Era época de primavera, e o Jordão transbordava além das margens. Yehoshua disse ao povo: “*Hashem* realizará agora um milagre que demonstrará claramente que Ele está em seu meio. Ajudará a convencer vocês de que Ele expulsará as nações de Canaã.”

Yehoshua ordenou aos *cohanim*, que nessa ocasião especial carregavam a arca em vez dos levitas, que adentrassem as águas do Jordão.

No momento em que os *cohanim* afundaram os pés no rio, a corrente inferior repentinamente deteve-se, transformando-se em muralhas que se elevaram a alturas gigantescas. Uma vez que as águas abaixo da posição dos *cohanim* continuaram a fluir para baixo, os *cohanim* encontraram-se de pé sobre o leito seco do rio.

Yehoshua ordenou que a população inteira cruzasse o Jordão, enquanto os *cohanim* com a arca permaneciam em suas posições. Após o povo ter cruzado o rio, Yehoshua disse aos *cohanim* que retrocedessem e pisassem na margem leste. Assim que o fizeram, a muralha rompeu-se e as águas jorraram corrente abaixo.

Os *cohanim*, carregando a arca, estavam agora separados de seus irmãos, que estavam na margem oeste do rio. A arca então, miraculosamente, levantou os *cohanim* por cima das águas até onde estavam *Benê Yisrael*.

Nesta ocasião ficou óbvio a todos que a arca carregava seus carregadores. Ela fazia isto o tempo inteiro.

Da mesma forma que como a alma que dá vida sustenta o corpo, assim a arca, que é a alma e conteúdo espiritual do *Mishcan*, sustentava seus carregadores.

O milagre da “arca carregar os que a carregam” ensina um conceito básico. Um judeu geralmente se dá crédito por “sustentar e cumprir a *Torá*”, esquecendo-se de dar crédito à *Torá* por “sustentá-lo”. Um judeu cumpridor da *Torá* tem todas as razões para agradecer por ter sido poupado de males físicos e morais que grassam a sociedade não cumpridora da *Torá*. O judeu cumpridor da *Torá* é afortunado em ter sua vida cotidiana regida pela *Halachá* (Lei Judaica), em ter seus filhos crescendo numa saudável atmosfera de respeito aos mais velhos, e restritos em todas as áreas pela disciplina da *Torá*. Reconheçamos agradecidos que “a arca nos sustenta” tanto hoje como sempre.

Como os objetos sagrados do *Mishcan* eram embalados para a viagem

Hashem ordenou: “Antes que *Benê Yisrael* comecem a viagem, os *cohanim* devem embalar todos os objetos sagrados carregados por *Benê Kehat*.”

Cada objeto tinha sua embalagem especial:

A arca: era o único objeto coberto com azul no lado externo. O tecido azul chamava atenção para a importância da arca. Quando um judeu olhava para o tecido azul, lembrava-se do céu, e portanto de *Hashem*.

A mesa: nunca podia estar vazia, nem mesmo quando *Benê Yisrael* estava viajando. Doze pães sempre eram mantidos sobre a mesa e suas prateleiras.

O altar de cobre: o fogo Celestial permanecia sempre sobre o altar, mesmo quando *Benê Yisrael* viajava. O fogo tinha o formato de um leão. Antes de cada jornada, os *cohanim* punham uma cobertura de metal sobre o fogo.

El’azar é encarregado da família de Kehat

El’azar, o terceiro filho de Aharon, foi indicado por *Hashem* como supervisor de *Benê Kehat*. Distribuía as tarefas e determinava quem carregaria qual utensílio sagrado durante uma viagem.

El’azar escolheu apenas os *tsadikim* mais ilustres como carregadores. Também assegurou-se de que quando uma viagem estivesse prestes a começar, a família de Kehat estivesse pronta. E quando os membros de Kehat paravam, ele conferia se os homens punham os objetos nos locais adequados no *Mishcan*.

O próprio El’azar transportava o seguinte: na mão direita, óleo para o acendimento da *menorá*; na mão esquerda o incenso (*ketôret*); num recipiente suspenso em seus braços a farinha para o sacrifício diário de *Tamid*; e em seu cinto, um pequeno frasco de óleo da unção (*shêmen hamishchá*).

Hashem prometeu que cada uma das três famílias Levitas, Guershon, Kehat e Merari existirão para sempre. As famílias levitas possuíam a mesma importância que as tribos; assim sendo, sobreviverão até a chegada de *Mashiach*, junto com as tribos.

Por enquanto, aprendemos em detalhes o que a família de Kehat carregava. A próxima *Parashá*, *Nassô*, nos contará quais objetos as famílias de Guershon e Merari carregavam.